

O MENINO E A ESCOLA NAS REMEMORAÇÕES DE BUGYJA BRITTO

Maria Alveni Barros Vieira

INTRODUÇÃO

*A criança – frágil receptáculo daquilo que é
feito pelo adulto....*

(BUGYJA
BRITTO)

Na passagem do século XIX para o XX, atribuiu-se grande importância à escolarização das crianças. O significado social da educação escolar das crianças circunscrevia-se na perspectiva de moldá-las de acordo com o projeto que conduziria o Brasil ao seu ideal de nação. Esse ideal era descrito como o de transformar o Brasil numa nação *culta, moderna e civilizada* de acordo com os modelos tipificados pelas principais cidades européias e norte americanas¹.

Ser civilizado, culto e moderno, exigia das pessoas uma formação escolar mais aprimorada do que aquela até então realizada. Por isso, havia a preocupação em preparar melhor as crianças do ponto de vista intelectual. Era preciso transformá-las em adultos marcados pelo processo de escolarização. Nesse sentido algumas providências são adotadas pelas autoridades responsáveis pela educação da república brasileira no sentido de criar oportunidades de escola às crianças.

Sucessivas e freqüentes alterações foram feitas na legislação educacional objetivando adequar o sistema de ensino escolar vigente no período monárquico aos ideais republicanos. É decretada a obrigatoriedade do ensino da criança em idade escolar e a criação de mecanismos mais centralizadores e de maior eficácia no controle do sistema escolar. As normalistas são incorporadas pelo Estado em substituição aos professores leigos, tem início a implantação dos grupos escolares buscando superar o modelo da casa-escola e o ensino individual cede lugar ao ensino simultâneo².

De maneira geral, cresce o número de escolas e o número de crianças nelas matriculadas se tornando alunos e alunas do Brasil. Mas, de que forma, essas inovações educacionais da nova ordem política e social republicana se materializaram na educação escolar da criança sertaneja piauiense?

Discuto, neste texto, as experiências narradas sobre si mesmo por Bugyja Britto³ envolvendo a escolarização e a escola em que foi aluno e professor dos 6 aos 12 anos de idade na primeira vintena republicana. Tendo como objeto de estudo o território de vida escolar e o território de vida docente na sua infância, utilizo, para análise do tema, o entendimento de *experiência*, como teoriza Anísio Teixeira (1978), sendo essa pensada como a relação que se processa entre o indivíduo, os outros e a realidade. É o aprender por outras experiências educativas.

1. Os Aprendizados Domésticos

Fui crescendo entre meus familiares, que eram muitos. Fora os meus pais, meus irmãos menores, o meu avô Benedito de Souza Britto (até agosto de 1913), minha avó Umbelina, minhas tias paternas, estavam aqueles que freqüentavam a Casa-Grande e que eram os amigos e conhecidos, os contraparentes ou parentes afins. (Bugyja Britto)

Percorrendo com Bugyja Britto as lembranças de sua infância vivida no Piauí, deparamo-nos, inicialmente, com o menino e suas experiências nos contatos iniciais com a escrita, a leitura e a literatura, no âmbito das relações domésticas. Transcorriam os anos de 1913/1914 e o ideário republicano da universalização da escolarização primária, ainda não havia se concretizado no sertão do Piauí.

As reformas efetuadas na legislação educacional do país refletiam o imaginário republicano, contudo suas diretrizes apresentavam-se desconexas com a realidade socioeconômica do Estado. Faltavam escolas, professores e até mesmo, alunos.

O ensino particular ainda se apresentava como mais atrativo para as famílias que o ensino público. Ferro (1996) observa, em trabalho realizado sobre a educação no Piauí republicano, a responsabilidade das famílias sobre a escolarização dos filhos nesse período. As primeiras letras e outros conhecimentos básicos do universo escolar eram ensinados no próprio ambiente doméstico pelos pais, parentes e/ou preceptores contratados pelas famílias.

No caso de Bugyja, coube a sua mãe, Anna Cavalcante Monteiro, a tarefa inicial de ensinar-lhe as letras do alfabeto. Mulher prendada e “escolarizada”⁴, já trabalhava como professora de música na cidade de Oeiras, quando iniciou o processo de alfabetização do filho primogênito. A didática de ensino, por ela adotada nessa tarefa,

desenvolvia-se através do método silábico e utilizava como material didático as cartas de ABC, geralmente, adquiridas no comércio local.

De acordo com a narrativa de Bugyja, essa era uma etapa considerada importante na vida da criança. O aprender a ler e escrever, apresentava-se como um elemento de identificação das elites, principalmente num período em que analfabetismo passou a ser associado à noção de incapacidade. Por isso, muito embora a mãe fosse a professora oficial do menino, outros membros da família participavam como mediadores do seu aprendizado de conteúdos escolares de maneiras diversas, mesmo que apenas para “testar” os conhecimentos já adquiridos nas suas incursões pelo mundo mágico da leitura.

Eu estava aprendendo a ler, naquele ano. Começava a soletrar as palavras; unia as sílabas dos termos empregados nas histórias que a minha Carta de ABC trazia. A certa altura o Francisco, que sabia da minha aprendizagem com minha Mãe, em casa, disse-me: ‘pois soletre limão...’ e eu fui dizendo: um l com um i é li, e um m com a com o til é mão... limão. Isso ia enchendo algo do tempo da nossa viagem. (p. 107).

Também o pai e o avô do menino, participavam do seu processo de aprendizagem da leitura, escrita e dos números. Logo que começou a soletrar palavras foi transformado no “menino- de- recado” a quem eram atribuídas algumas funções, como fazer mandados, compras nas mercearias, identificar o valor dos produtos, calcular o troco da compra tudo isso antes de chegar a escola propriamente dita.

Com sua tia Stella, Bugyja aprendeu as primeiras lições de francês e de literatura brasileira. Ao ser matriculada como aluna da Escola Normal, essa valia-se da gramática de francês de autoria de Carlos Ploetz adotada no curso Normal e do livro de José Veríssimo História da Literatura, para iniciar o sobrinho nesses campos do conhecimento.

Inclui-se, ainda, nessa categoria de mediadoras do aprendizado literário do menino, mulheres vizinhas e/ou agregadas da família Britto que diariamente freqüentava a residência de Bugyja a fim de narrar lendas da região, e/ou histórias de *trancoso* como O carneirinho de ouro e Maria-não-se-pode. Uma das visitas mais esperadas era a da contadora de histórias Francisca Maria de Jesus que iniciava suas atividades nas calçadas da Casa-Grande, tão logo ocorresse a passagem do acendedor de lampiões, às 18:30 horas:

Chica inicia as 3 histórias dessa noite. A 1ª história devia ser invenção sua, pois, como católica fervorosa e leitora de catecismo e da Bíblia, teve idéia para dizer: Ali é o céu, é alto, muito alto, só quem pode chegar lá é quem não comete pecados na Terra.' 'O paraíso' (e explicou o que era o paraíso) 'começa onde começa o céu;É muito longe!'. E por aí a fora a velha Chica termina contando o episódio de um bom menino que chegou até lá... A 2ª história era do lobisomem, duende que amedronta, de noite, a transeuntes, e a 3ª história era de um homem preguiçoso que passou 20 anos dormindo sobre uma montanha e que, quando acordou, tudo estava mudado substancialmente no vilarejo.

A função pedagógica dessas histórias, além do entretenimento, era despertar nas crianças o sentimento de medo. No entendimento de Berger e Luckmann (1985), o medo é mais uma das experiências sociais do indivíduo, relacionada com a institucionalização da vida em sociedade. Desta feita, o medo assume papel fundamental na socialização dos indivíduos funcionando como mecanismo de controle social.

A difusão do medo através de histórias, mitos, lendas, contadas nas calçadas sempre foi elemento integrante da educação das crianças piauienses, necessária para a dominação da criança pelo adulto. Assim é que o folclore piauiense é cheio de contos, lendas de finalidade moral a exemplo do Cabeça-de-Cuia, um indivíduo, disforme, punido por Deus, por ter recusado a comida ofertada por sua mãe, além de tê-la agredido fisicamente.

Filho primogênito de uma família de fazendeiros e comerciantes, Buggy Britto nasceu na Casa-Grande, local onde também passou, parte de sua meninice, entre seus familiares. Era a casa do seu avô, onde conviviam além dos parentes, criados e criadas, remanescentes do período da escravidão. Ali, aprendeu o folclore regional, ouviu histórias de assombração, que vez por outra, eram retiradas do baú, a fim de dar exemplo e “quietar meninos”.

Não se tratava de uma educação doméstica aprimorada, a exemplo daquela realizada no período colonial quando a educação escolar estivera restrita à esfera privada, ou no período imperial como diferencial da educação da criança popular, então sob a tutela estatal⁵, mas de ensinamentos que caracterizavam-se como um tipo de pré-escola doméstica através do qual a família iniciava a criança no mundo da leitura, da escrita, e de contos literários, uma iniciação ao mundo das letras, enquanto as famílias decidiam se a criança ia ou não para a escola.

2. O Aprendizado Escolar

É possível que acudisse ao espírito dos meus pais o pensamento de eu me formar – o que traria outras vantagens de ordem financeira e social para a família. (Bogyja Britto).

Em 1815, iniciam-se as experiências escolares de Bogyja na feitura da instrução primária numa instituição pública de ensino de Teresina (PI). Contava, então, o menino com oito anos de idade, quando sua mãe o matriculou numa escola pública na então capital do Estado. De qual escola o menino Bogyja se tornou aluno?

A partir do Regulamento de 1910, o ensino primário no Piauí passou a ser ministrado em duas etapas: a primeira etapa compreendia os três primeiros anos do curso, e a segunda correspondia o quarto e último ano. Destinava-se, esta modalidade de ensino a crianças na faixa etária de 7 a 14 anos, do sexo masculino, e de 7 a 12 anos do sexo feminino.

O currículo, planejado pela Reforma para o ensino primário, era constituído pelas disciplinas Leitura, Escrita, Gramática, Aritmética, Geometria, Geografia Geral, Geografia do Brasil, Noções de Ciências Físicas e Naturais, Música, Desenho, Ginástica, Exercícios Militares e Trabalhos Manuais. Na opinião de Brito (1996), esse era um currículo complexo em demasiado para a faixa etária das crianças destinatárias daquela educação escolar.

No período em que Bogyja ingressa na escola primária pública do Piauí, de cada 1.000 habitantes, apenas 4 tinha acesso à escola. Na cidade de Teresina, sede do Estado, os índices de analfabetismo atingia o percentual de 83%, ou seja, saber ler e escrever ainda era objeto de um grupo restrito dentro da sociedade piauiense republicana.

Segundo informação de Bogyja, a cidade de Teresina dispunha de apenas quatro unidades escolares funcionando efetivamente para ministrar o ensino primárias. Essas escolas, funcionavam em residências alugadas sem instalações apropriadas para a educação das crianças, muito distante do discurso oficial, que em 1910 havia criado, em lei, os grupos escolares em sua estrutura física e ideológica.

Contudo, os grupos escolares, não se realizaram naquele momento. Lopes (2006, p.81-82), explica que,

Sua constituição não foi imediata e conviveu, mesmo no seu período áureo, com as casas-escola e as escolas reunidas. Estas eram, inicialmente, a opção considerada mais viável para o Piauí: eram, no

seu começo meras junções de escolas, antes isoladas, em um mesmo espaço físico, implicando, apenas o aparecimento da figura do diretor e do porteiro. O grupo escolar, por sua necessidade de instalações apropriadas e pelos recursos materiais que exigia e que o tornava mais oneroso, foi concretizado somente em 1922.

Na escola reunida em que Bugyja estudava, funcionavam quatro salas de aulas, o que correspondia a um curso primário de quatro anos. Cada ano tinha uma professora formada na Escola Normal, responsável por todas as disciplinas. A escola em que estudou foi descrita por Bugyja como uma escola pública localizada à praça Aquidabã. O prédio da escola era baixo, comprido, de janelas ogivaladas. O quintal era relativamente grande dispo de sapotizeiros e mangueiras onde as crianças brincavam no intervalo das aulas. Sendo o prédio alugado, eram comum a escola mudar de endereço.

Em fins de 1916, Bugyja faz o exame de promoção do segundo para o terceiro ano primário, “querendo dar realce aos seus exames, convidara, nesse ano, professoras estranhas para serem examinadoras. Eu fui examinado, por exemplo, por uma preceptora antiga da cidade, tida como dedicada ao ensino e competente no seu mister, de nome Joana Abranches Saraiva”.(p.169)

Ao findar o terceiro ano do curso primário (1917), o menino Bugyja é encaminhado por sua professora para a chamada Escola Modelo para que cursasse a quarta série. A Escola Modelo funcionava em anexo a Escola Normal, sob a responsabilidade do diretor da respectiva escola, uma vez que sua finalidade era servir de espaço para o estágio ou tirocínio das normalistas. Era uma escola-laboratório, onde as futuras professoras podiam observar como as crianças eram manejadas e instruídas em sala de aula.

Convém ressaltar que nesse mesmo período Bugyja tinha aulas particulares de inglês com um farmacêutico que morara nos Estados Unidos da América. As aulas tiveram duração de três meses e se realizavam duas vezes por semana na casa do professor. Também tinha aulas de música com sua mãe, geralmente às tardes após o almoço. Porém aquelas tardes não se caracterizaram como momentos de lazer.

Ela, como professora de música, entendeu de ensinar essa arte aos filhos mais velhos – eu e o Júlio. (...) ia nos ministrar aulas de música

vocal, e o fazia com tanta impaciência, ao lado de puxações de nossas orelhas, cocorotes e falações, quando dávamos qualquer erro, que as aulas se tornaram para mim e o Júlio um suplício, em vez de atrações de que pudéssemos gostar. (p.186)

Bugyja credita desse rigorismo da mãe, às dificuldades da vida em Teresina e aos efeitos das lembranças de outros tempos mais venturosos. As dificuldades por que passavam logo forjariam o ingresso do filho primogênito no mundo do trabalho.

3. O Menino, Professor da Criança

Na casa em que falta o pão, todos falam e ninguém tem razão.

(Bugyja Britto)

Nos embates da luta pela sobrevivência, dada a situação financeira precária da família de Bugyja em Teresina, encontramos as experiências do menino professor. O aprender trabalhar para Bugyja se iniciou entre o período que ele denomina de últimos anos da segunda infância, forjado por necessidades materiais.

Com a mudança da família em 1915, de Oeiras para Teresina, os pais de Bugyja Britto desfizeram-se dos bens que por lá possuíam, para tentar se estruturar na capital. Pouco êxito tiveram nesse intento, e o padrão de vida, de quem morava anteriormente numa Casa-Grande, imponente, reduz-se a moradias de aluguel, cujo valor obrigava-os a mudarem de residência constantemente.

De criança rica, filha de família abastada, cuja casa era cheia de agregados remanescentes do período da escravidão, prontos para lhes servirem, o menino Bugyja, sendo o mais velho dos irmãos, começa a ser iniciado pela mãe nos misteres de auxiliar na criação dos irmãos menores enquanto a mãe trabalhava como professora de música no centro da cidade de Teresina.

Posteriormente, com o agravamento da situação financeira da família, o menino foi obrigado a exercer empregos remunerados. Foi, por exemplo, suplente de carteiro dos telégrafos durante seis meses, mestre-escola e auxiliar de botequim.

O trabalho infanto-juvenil sempre esteve presente em praticamente toda a história da sociedade ocidental, incluindo aí, o Brasil. Falci (1991, p.36) observa, que era considerado comum crianças trabalharem no sertão do Piauí. No período Imperial, por exemplo,

Crianças pobres mesmo livres trabalhavam desde cedo numa sociedade pré-industrial e pastoril onde água canalizada, serviço de esgoto, de telefone, noticiários em jornais ou revistas ainda não existiam. Os chamados “meninos- de- recado”, o molecote que antecedeu o telefone, os “meninos de botar água” ou aguadeiros de Debret, que conduziam as cargas d’água nos jumentos às portas da casa, são dentre muitos outros, exemplos das atividades que se requeriam aos meninos.

Adentrando o século XX, a situação permanece. Em análise sobre a infância operária em São Paulo Moura (1991) relata que, na tentativa de contribuir com o orçamento familiar, as crianças, as vezes em idade precoce, são conduzidas ao trabalho, e embora possam produzir tanto quanto os adultos, são recompensados com salários irrisórios. Provavelmente, foi o que ocorreu com o menino Bugyja, que trocou o ofício de mestre-escola, pelo de ajudante de botequim, dado os parcos honorários que recebia como professor.

Mas em qual escola o menino foi professor?

Bugyja foi mestre particular de primeiras letras. Mestre que comparecia sistematicamente as casas de famílias pobres residentes em lugares distanciados, nas periferias da cidade de Teresina. Ministrava aulas de português e aritmética de curso elementar a outros meninos. Era uma criança que desasnava outras na leitura e na escrita.

No início do século XX, a escola oferecida pelo governo, assim como os serviços da escola particular, só conseguiram beneficiar crianças dos centros mais populosos do território brasileiro. Nas pequenas vilas, sítios e povoados e mesmo periferia das cidades, o processo de escolarização acontecia sob a responsabilidade direta das famílias que lançavam mão de outras formas de ensino para que suas crianças fossem iniciadas no mundo dos letrados. Essa situação de ensino escolar no Piauí que possibilita ao menino atuar como mestre-escola.

Em seus relatos Bugyja nos deixa entrever que sua clientela era composta por crianças de cinco famílias. Porém não nos dá acesso ao número de alunos por família, nem aos métodos. Seu trabalho de professor não é relatado com detalhes. Contudo nos é permitido dizer que, possivelmente o menino trabalhava como tantos outros mestres-escolas da região, ou seja, através ensino verbal, mnemônico e apoiado em materiais escolares como cartas, cartinhas de ABC, tabuadas.

A exemplo de outras crianças e jovens da cidade de Teresina, Bugyja buscou conciliar o trabalho com o estudo e com outras atividades, e embora essas atividades tenham afetado tanto a sua frequência na escola como seu aproveitamento, ele nunca desistiu dos estudos. Afinal sentia que a educação escolar era o único caminho a ser por ele trilhado.

Algumas Considerações

A despeito do que aqui foi apresentado acerca da escola e das experiências de escolarização do menino Bugyja, percebe-se, indícios da forma como os ideários educacionais do início do século XX se efetivaram na vida escolar da criança piauiense.

O grupo escolar, idealizado no papel desde a Reforma de 1910, foi substituído por escolas reunidas em espaços improvisados. A educação doméstica realizada por familiares, o ensino privado tanto recebido como praticado pelo menino indicam, que no Piauí do início do século XX, coexistiam formas variadas de educação escolar, e que apesar dos discursos desenvolvidos acerca da importância da formação dos professores, continuavam existindo mestres improvisados a exemplo do menino professor de crianças.

Compreendemos, ainda, que apesar das dificuldades de universalizar as oportunidades escolares a todas as crianças do Piauí do início do século XX, aquele era um mundo marcado profundamente pelos processos formais de educação, até porque a escola sempre esteve intimamente ligada à tarefa de ensinar a ler, escrever e contar, independente do local onde o processo ensino-aprendizagem fosse realizado: espaço doméstico, casa-escola, escola, salão da Igreja.

Os estudos da história da educação confirmam que, durante todo o período colonial, imperial e mesmo no início do período republicano, a educação da criança, encontrava-se assentada no jogo de reciprocidade que se tecia entre a evolução física da criança e os limites impostos pela sociedade e pela condição social.

A experiência de ensinar e aprender, aqui vivenciada pelo menino, é, na opinião de Teixeira (1978), uma experiência inteligente, que alarga os conhecimentos e enriquece o espírito, proporcionando significação profunda a vida e ao viver. A atividade educativa vivenciada pela criança, seja ele aluno-professor, não se processa no vazio, independente de objeto e condições. Ao contrário, encontra-se inserida no meio social em que o indivíduo vive. A sua direção é fornecida por esse meio social. Assim,

O aprender a ler e o começar trabalhar encontra-se vinculado aos limites impostos pelo desenvolvimento físico da criança, mas, também, por sua condição social.

Essas observações, nos levam a considerar, que as memórias da infância de Bugyja Britto, criam possibilidades de aproximar o pesquisador, através da singularidade da experiência humana, das práticas escolares e não escolares do início da República brasileira, destacando-se entre elas, aquelas relativas à iniciação e inserção dos sujeitos às normativas do mundo da escrita.

NOTAS

1. Nas reflexões realizadas acerca do papel atribuído a infância caracterizada como abandonada Rizzini (2006) afirma que o interesse pela infância nos primeiros da República brasileira refletia a preocupação existente com o futuro do país. Portanto, a consciência de que na infância estava o futuro da nação conduzia o discurso de que era necessário salvar a infância, protege-la dos males sociais.

2. Sobre a alteridade socioeducacional exigida pelo processo civilizatório em marcha no período vê Araújo e Moreira (2006).

3. Antônio Bugyja de Souza Britto, nasceu em 21 de maio de 1907 na cidade de Oeiras-PI. Fez o curso primário e secundário em Teresina(PI) e o superior em Direito na cidade de São Luis do Maranhão. Bacharel, Funcionário da Fazenda Nacional(RJ), Jornalista, poeta e literato. Tem várias obras publicadas, seu primeiro livro data de 1934 com o título de Muralhas, e o último Narrativas Autobiográficas (1977) fonte desta análise. Publicou, também, trabalhos jurídicos em revistas da área, a exemplo do editorial denominado Direito, dirigida por Clóvis Beviláqua de quem foi parceiro de letras.

4. Anna Cavalcante Monteiro era natural de Ico-Ceará, e descendia de uma família de comerciante com meios para educar suas crianças. As meninas, geralmente eram matriculadas no Colégio da Imaculada Conceição em Fortaleza (CE). Embora não deixe claro a formação escolar de sua mãe, Bugyja explica que, naqueles modelos de família, cujo chefe tinha recursos era comum, as mulheres terem acesso às aulas de música vocal, piano, pintura, francês e língua materna.

5. Embora, na segunda metade do século XIX, o Estado Imperial tenha iniciado a sistematização da escolarização pública, a educação doméstica continuava como um diferencial das classes mais favorecidas tanto como forma de resistência à interferência do Estado na educação, como diferencial ao projeto de escolarização das classes populares. Vasconcelos (2007)

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Marta Maria de e MOREIRA, Keila Cruz. O grupo escolar modelo “Augusto Severo” e a educação da criança (Natal-RN, 1908-1913). In: VIDAL, Diana

- Gonçalves (org.). **Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.
- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: VOZES, 1985.
- BRITO, Itamar Sousa. **História da educação no Piauí: enfoque normativo, estrutura organizacional, processo de sistematização**. Teresina: EDIUFPI, 1996.
- BRITTO, Bugyja. **Narrativas autobiográficas**. Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora LTDA, 1977.
- FALCI, Miridan Britto Knox. **A criança na Província do Piauí**. Teresina: Academia Piauiense de Letras/ CEDHAL, 1991.
- FERRO, Maria do Amparo Borges. **Educação e sociedade no Piauí republicano**. Teresina: EDUFPI, 1996.
- LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. Das escolas reunidas ao grupo escolar: a escola como repartição pública de verdade. In: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Grupos escolares- cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.
- MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. Infância operária e acidente do trabalho em São Paulo. In: PRIORE, Mary del (org.). **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.
- SAMPAIO, Antônio. **Velhas escolas- grandes mestres**. Teresina: COMEPI, 1996.
- TEIXEIRA, Anísio S. A pedagogia de Dewey. In: DEWEY, Jonh. **Vida e educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- VASCONCELOS, Maria Celi Chaves Vasconcelos. **A educação doméstica no Brasil de oitocentos**. In: Revista Educação em Questão. V.28, n. 14, jan./jun. 2007. Natal, RN: Editora da UFRN, 2007.